

jornal chegou a vender 45 000 exemplares nos dias úteis e 70 000 aos domingos. Ao *lead* norte-americano, Luís Paulistano acrescentou o brasileiroíssimo sub-*lead*. Em 1956, o *Jornal do Brasil* iniciou reforma também ampla, ajudada pela sólida estrutura empresarial desse diário, condição de que o *Diário Carioca* não dispunha. Com um grupo de excelentes profissionais, entre os quais se destacavam Reinaldo Jardim e Ferreira Gullar, Jânio de Freitas revolucionou o jornal, dando apresentação inteiramente nova à matéria, em tarefa que só se completou em 1959. Não é possível esquecer, também, as inovações introduzidas em jornal por Samuel Wainer, cuja aprendizagem, em *Diretrizes*, durante a ditadura, permitiram-lhe, ao fundar o vespertino *Última Hora*, em 1951, apresentar uma folha vibrante, graficamente modelar, revolucionária em seus métodos de informar e até de opinar. Mas é evidente que tais reformas, válidas sem dúvida em termos de imprensa, excluídas outras condições, apresentam apenas o lado externo do problema, pois um jornal é procurado também, e principalmente, pelo que expressa, pela sua opinião, pela sua posição. O próprio fato do esforço na reforma gráfica generalizar-se, marcando a concorrência, explica as limitações a que os jornais se submetem, no essencial: a posição diante dos problemas.

A concentração da imprensa seguia seu curso inexorável; tornava-se cada vez mais difícil lançar jornal novo; o número dos que desapareciam era crescente. Finda a Guerra Mundial, abria-se amplo horizonte à liberdade de pensamento; cada vez mais se verificava, na prática, que tal liberdade era meramente teórica: só grandes capitais poderiam montar grandes empresas, como os jornais. Havia, entretanto, enorme interesse em torno dos problemas nacionais e o clima das discussões políticas aquecia-se constantemente. Com frequência, antes do Estado Novo, vira-se as grandes empresas jornalísticas empenhadas em campanhas de destruição: havia como que palavra de ordem, e todas começavam o coro, concentrando as suas baterias até demolir o objetivo que visavam. O exemplo anterior à Guerra fora a Aliança Nacional Libertadora: a unanimidade da grande imprensa caracterizara essa frente, que agrupava forças heterogêneas, como organização comunista, financiada por Moscou e só por isso importante; logo depois, com o movimento de novembro, esmagado em horas, a imprensa empenhara-se em demonstrar que o levante fora comunista, que os comunistas eram bandidos por definição e que, portanto, tudo se justificava contra eles. Essa imprensa ajudara, pois, a criar o clima que tornara possível todas as violências e arbitrariedades, o estado de sítio, o estado de guerra, o Estado Novo como coroamento. E esse monstro, que ela embalara, voltara-se contra jornais e revistas, fechara muitos, impedira a circulação de novos,